

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
JORNALISMO

LITERATURA NA REDE: O FENÔMENO DO BOOKTUBE COMO UM EXEMPLO
PRÁTICO DA CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS ENTRE LITERATURA E
JORNALISMO

Orientando: Luccas de Oliveira Rodrigues Diaz
Orientador: Prof. Dr. Anderson Gurgel Campos

RESUMO: A literatura e o jornalismo compartilham uma relação de longa data em que seus principais pontos de encontro resultam em frutos significativos para a comunicação. Com o fenômeno da convergência de mídias cada dia mais presente nas produções midiáticas, essa relação se depara com uma nova criatura: o BookTube. O termo é designado ao nicho de vídeos postados na plataforma YouTube, dedicado a falar exclusivamente sobre literatura. São, na maior parte dos casos, jovens que encontraram na web um lugar para trocar indicações e compartilhar opiniões e hábitos de leitura. O jornalismo se torna presente na prática como o principal influente para o formato dos vídeos em que, os BookTubers, quase que de forma involuntária, utilizam dos mecanismos e moldes enraizados pela prática da crítica literária desde o século XVIII e XIX. O objetivo dessa pesquisa é contextualizar o fenômeno do BookTube sob a ótica jornalística ao enxergá-lo como um exemplo prático da convergência de mídias, para entender o que ele representa na relação jornalismo e literatura. Dessa forma refletindo, tangencialmente, para onde o papel do jornalista e do crítico tradicional caminham na revolução digital.

PALAVRAS-CHAVES: Jornalismo Literário, BookTube, Redes Sociais, Convergência de Mídias, Literatura Young Adult.

ABSTRACT: The literature and journalism share a long-lived relationship in which the main common points provide significant results to communication field. As the convergence phenomenon of media sources is increasing day by day, this relationship comes across a new meeting point: the BookTube. The term designates the set of videos posted on the Youtube platform dedicated exclusively to deal with literature matters. Mostly, they are young people who found on the web a place to share tips and opinions about reading. In practice, the journalism plays a major role on the videos' arrangement, in where the Booktubers use mechanisms and structures very relatable from the 19th century's Literary Studies, even without knowing that. This research intends to contextualize the BookTube phenomenon from a journalistic perspective as a practical example of media convergence, in order to understand where it stands between journalism and literature. Moreover, the phenomenon also opens to a possibility of reflection to where the roles of journalists and traditional critics are going.

KEYWORDS: Literary Journalism, BookTube, Social Networks, Media Convergence, Young Adult Literature.

1. INTRODUÇÃO: UM ADMIRÁVEL MUNDO NOVO

Quem imaginaria, anos atrás, que nos dias de hoje, a principal maneira de se informar caberia dentro da palma da mão? Que seria possível arquivar milhares de livros dentro de um mesmo equipamento? Ou ainda, que haveria uma plataforma virtual em que qualquer um pudesse subir seu conteúdo e torná-lo público para o mundo todo, dentro de apenas alguns segundos? A revolução digital trouxe incontáveis mudanças na forma como nos comunicamos, nos expressamos e nos informamos. A chegada da rede mundial de computadores muda radicalmente tudo aquilo que entendíamos como mídia e traz, pela primeira vez na história, a possibilidade simétrica do consumidor se tornar também produtor. Desde então, o mundo das comunicações nunca mais foi o mesmo, mas duas áreas específicas na república das letras sentiram essa transformação de uma maneira bem interessante.

Jornalismo e literatura, quando olhamos de forma analítica, parecem ser o que ditado popular classifica como “farinha do mesmo saco”. São um conjunto de palavras dispostas de uma forma que contam uma história – fictícia ou não. Nelas o homem se depara com a possibilidade de se expressar, fazer-se entendido, e até mesmo interpretar a realidade ao seu redor. Palavras que geram mundos, que geram mais palavras. Se esses dois meios já são tão poderosos separados, o que dizer, então, quando eles se encontram? Quando eles dividem um ponto de convergência entre si?

A história da mídia é pautada não somente por encontros entre o jornalismo e a literatura, mas, principalmente, pelos resultados que eles providenciaram. A relação entre essas duas áreas é uma das mais ricas e interessantes que a humanidade letrada dispõe e é recheada de altos e baixos, de brigas e reconciliações, de tapas e beijos e tudo que um bom casamento guarda. Por essa razão, o intuito dessa pesquisa é contextualizar um dos seus mais recentes filhos: o fenômeno do *BookTube*.

O BookTube, como o próprio nome já entrega, é o termo utilizado para o nicho de vídeos publicados na plataforma *YouTube*, que falam exclusivamente sobre literatura (por isso *Book*, tradução de ‘livros’, em inglês). O gênero derivado da prática do *vlogging*, que consiste, basicamente, em amadores gravando vídeos de si mesmos abordando determinados assuntos. Uma forma que a juventude que cresceu acompanhando *Harry Potter*, *Crepúsculo* e *Jogos Vorazes* nos cinemas encontrou de expressar o amor pelas páginas e encontrar seus semelhantes na web.

Esse artigo, portanto, é uma pesquisa exploratória que busca contextualizar o fenômeno do BookTube, de modo a contribuir para o entendimento desse novo fenômeno. Não foi selecionado nenhum canal específico para análise, pois o intuito é compreender como se chegou a esse fenômeno, e entender, pela teoria, como ele é um exemplo prático da Cultura da Convergência (JENKINS, 2008). Para, assim, a partir da ótica jornalística, identificar quais são as influências que o jornalismo tradicional traz e incorpora nessa produção midiática.

Iremos encarar o BookTube como mais um ponto de encontro entre jornalismo e literatura, que, em um nível maior do que os anteriores, representa a eficácia da convergência de mídias. Como ele surgiu? O que possibilitou a sua popularização? O que cada meio de comunicação influencia em seu formato? Para responder essas perguntas, o artigo foi produzido a partir de uma revisão teórica que, ao final, nos permitirá refletir, de forma tangencial, o que futuro reserva para o papel do jornalista e do crítico tradicional.

É uma contextualização teórica que cumpre o papel de explorar um ponto específico da relação entre jornalismo e literatura, que, a partir da reflexão, aborda a possibilidade desse fenômeno ser encarado como um exemplo prático da Cultura da Convergência (JENKINS, 2008). Por isso, foram utilizadas obras de autores nacionais e internacionais já consagrados na teoria jornalística e artigos que se aprofundam no tema.

2. A CHEGADA DA INTERNET E O PAPEL DO MEDIADOR

A chegada da rede mundial de computadores transforma a vida humana em todos os seus aspectos. Esse momento do final do século XX, é marcado também pelo fim do socialismo e pelo protagonismo da globalização que só é inteiramente possível graças aos adventos dos novos meios de comunicação (PENA, 2005). O mundo se torna uma grande aldeia global em que as distâncias são desfeitas, a presença física perde sua necessidade, a instantaneidade se torna o padrão, o conhecimento é disponibilizado “democraticamente” e a própria noção de comunicação é alterada por esses novos moldes (PENA, 2018). Clay Shirky, no livro *A Cultura da Participação: Criatividade e Generosidade no Mundo Conectado* (2011),

diz que a partir desse momento “vivemos, pela primeira vez na história, em um mundo no qual ser parte de um grupo globalmente interconectado é a situação normal da maioria dos cidadãos” (2011, p. 27).

Todas as novas ferramentas inéditas chacoalham a produção jornalística radicalmente e caracterizam o que o autor Ciro Marcondes Filho (2000) classifica como o Quarto Jornalismo, iniciado nos anos 70 e que é, resumidamente, marcado pelas implementações tecnológicas nas redações, pela prioridade da velocidade ao invés da qualidade e pelo acúmulo de funções em um só profissional; e, claro, pela chegada da internet. Pensando na relação literatura e jornalismo, e no foco dessa pesquisa, é possível afirmar que a chegada da web tirou a exclusividade de uma prática, que há décadas era estabelecida na imprensa e de grande importância para o ponto de encontro dessas duas áreas: a do crítico (BALLERINI, 2015).

O crítico cultural sempre foi parte essencial da produção jornalística e o mais notável fruto da relação entre literatura e jornalismo. A inserção da *world wide web* traz para o dia a dia o que o autor Henry Jenkins (2008), em seu livro *Cultura da Convergência*, afirma ser a chamada Cultura da Participação, na qual a figura desse profissional se dissipa e lentamente perde significado.

O que se observa com a popularização dos computadores é uma revolução midiática profunda em que, de maneira totalmente única, a mídia se torna participativa. Se no rádio e na televisão o espectador era tido como uma massa homogênea totalmente passiva e manipulável, o qual só recebia o conteúdo e não o produzia, com a internet isso se altera radicalmente e se torna possível unir as duas práticas: consumidor se faz também produtor (SHIRKY, 2011). É como se, finalmente, houvesse caído a ficha de que talvez não se queira apenas consumir mídia, se queira produzi-la tanto quanto (JENKIS, 2008). Shirky explica que “a velha escolha entre mídia pública de mão única (como livros e filmes) e mídia privada de mão dupla (como o telefone) expandiu-se e inclui agora uma terceira opção: mídia de mão dupla que opera numa escala do privado para o público” (2011, p. 53). Essa é a internet; sobretudo, o mundo das redes sociais.

Essa revolução digital destrona o método de produção midiática vigente desde a criação da prensa de Johannes Gutenberg, em 1456 (SHIRKY, 2011). A importância dessa criação é algo que pode ser considerado como o equivalente à invenção da roda para o mundo das letras, pois “através da rápida difusão do prelo de Gutenberg

pela Europa, foram consolidadas as línguas nacionais, difundiu-se a Reforma Protestante e também a Contrarreforma. Além disso, constituiu a indústria do livro e da prensa periódica” (PENA, 2005, p. 13). Não é à toa que Gutenberg é considerado o pai da imprensa, sem ele e os seus tipos móveis a história do jornalismo seria completamente diferente, e a da literatura tanto quanto. Na Europa pré-Gutenberg, os únicos livros disponibilizados eram obras copiadas manualmente por escribas (que cobravam altos preços, exerciam uma função extremamente limitada e, por muitas vezes, distorciam o conteúdo dos livros) ou exemplares originais milenares guardados a sete chaves pela Igreja Católica (SHIRKY, 2011).

Pensando no advento que a prensa trouxe, Shirky (2011) chama de economia Gutenberg a prática dos detentores dos meios de distribuição de selecionarem e fazerem uma curadoria das obras antes de disponibilizá-las ao público. Isto é, até hoje livros, filmes, músicas e qualquer tipo de produção midiática são obrigados a passar pelas mãos dos detentores dos meios antes de chegarem ao público, como uma forma tanto de tentar prever se a produção fará ou não sucesso quanto de literalmente fazer o projeto acontecer. Isso porque, na economia Gutenberg, para a obra chegar ao público, é necessário um investimento prévio na realização da sua produção – seja imprimir, gravar ou filmar. Isso demanda que, em primeiro lugar, seja necessário confiar suficientemente na qualidade da obra que será lançada, em segundo, ter conhecimento prévio dos gostos e preferências do público-alvo e, em terceiro, ainda ter uma edição do conteúdo para se adaptar melhor as exigências do mercado (SHIRKY, 2011).

Essa prática simplesmente é descreditada com a chegada internet. Com a possibilidade de literalmente apenas apertar o botão “Publicar”, se faz possível colocar no mundo qualquer produção que seja, sem passar por nenhum tipo de curadoria ou edição pelos detentores dos meios. Ao comprar um computador, o usuário se torna tanto um consumidor quanto um produtor de conteúdo, quase de forma simétrica, e não precisa entrar em contato com os responsáveis pela rede de internet antes de publicar qualquer conteúdo que seja (JENKINS, 2008; SHIRKY, 2011). Redes sociais como o *Facebook*, o *Twitter* e o *Instagram* se validam com a clássica pergunta de “O que você está pensando agora?”. Não é mais preciso escrever em uma revista, publicar um livro ou ter uma coluna em um jornal para fazer de sua opinião algo público.

A mídia agora não é mais somente consumida por nós, mas também feita por nós. A web se torna uma ferramenta de mediação que exclui qualquer obstáculo no caminho para transmitir o conteúdo diretamente ao público; sendo totalmente dispensável passar por alguma das etapas estabelecidas pela economia Gutenberg (SHIRKY, 2011).

Nossa capacidade de equilibrar consumo, produção e compartilhamento, nossa habilidade de nos conectarmos uns aos outros, está transformando o conceito de mídia, de um determinado setor da economia em mecanismo barato e globalmente disponível para o compartilhamento organizado (SHIRKY, 2011, p. 29).

Dessa forma, podemos entender que o papel do crítico, antes a ponte entre as produtoras de conteúdo e o público, vai perdendo significado. Shirky (2011) explica o fenômeno através de uma analogia com os sites e aplicativos em que se avalia restaurantes. Por que esperar pelo texto do crítico especializado no jornal ou na revista quando podemos apenas ler os comentários e avaliações feitas pelos próprios consumidores que comeram lá?

Não somente em números (são centenas de avaliações do público contra apenas algumas avaliações do crítico), mas também em conteúdo (os consumidores que deixam sua opinião são pessoas comuns, com vocabulário comuns e gostos comuns), os sites de avaliação saem na frente na questão do apelo popular – tópico esse já antigo no mundo da crítica cultural, em que há tempos é criticada pelos seus jargões e sua linguagem refinada. Em um tempo em que todos se tornam críticos e passíveis de disponibilizar sua opinião sobre os mais diversos e variados tópicos – seja um restaurante, uma lava-louças ou um livro - a figura do crítico parece que vai se tornando ultrapassada e quase que sem sentido (BALLERINI, 2015).

No mundo do jornalismo literário e cultural, esse papel acaba se tornando relíquia ou é diretamente substituído por celebridades ou artistas já conhecidos do público, que terão automaticamente sua opinião validada por serem quem são. A fase de ouro dos críticos literários é definitivamente encerrada. A função do crítico de “desvendar não só a obra, mas sua época” (BALLERINI, 2015, p. 48) é substituída majoritariamente por avaliações de usuários ou resenhas sucintas. Os suspiros que ainda restam da prática tradicional fazem uma diáspora para as revistas e periódicos literários sobreviventes ou se transmutam em colunas virtuais/blogs das versões digitais dos grandes jornais (BALLERINI, 2015). O cenário está quase todo completo

para chegarmos ao ponto de ebulição dessa pesquisa. Entra agora a figura do jovem fã.

3. A LITERATURA NA CULTURA DA PARTICIPAÇÃO

Antes de entender o fenômeno do BookTube, é preciso analisar o contexto em que a literatura estava inserida no momento que surgem os primeiros vídeos desse tipo. Essa migração de conteúdos literários para a web começa, na verdade, com o auxílio de outro meio midiático: o cinema. Jenkins (2008) explica que o modelo de mídia atual é pautado pela convergência. Isto é, os conteúdos produzidos não se limitam a apenas um meio de comunicação, ele é feito visando sempre a integração entre diferentes meios a partir de pequenas adaptações para a transição entre eles.

Essa disponibilização do conteúdo por múltiplos formatos midiáticos – seja para a televisão, o rádio, a internet, os videogames etc. – contribui de forma significativa para uma busca por experiências imersivas para o consumidor. Ou seja, universos ficcionais que permitam os grandes estúdios e empresas a diversificarem o seu leque de possibilidades na mídia. O autor exemplifica esse fenômeno citando a ascensão de duas populares sagas cinematográficas: *Harry Potter* (2001 a 2011) e *O Senhor dos Anéis* (2001 a 2003), duas adaptações para o cinema provindas de livros bem-sucedidos em crítica e aclamados pelo público.

O que esses dois exemplos têm em comum, além de sua origem na literatura, é a possibilidade de suas narrativas não se limitarem a um único formato. O teor imersivo das histórias de Harry Potter, da autora J. K. Rowling, suporta essa opção conforme as narrativas se passam dentro de um universo fictício extremamente rico e passível de variadas abordagens, ângulos e atividades paralelas. Como se ao consumir algum conteúdo relacionado à Harry Potter, se tivesse adentrando os próprios portões daquele mundo criado, ficando o consumidor livre para explorar qual parte lhe apetece mais (JENKINS, 2008). Prova disso é o astronômico sucesso das histórias e a imensa extensão que a obra original ganhou, incluindo uma nova leva de filmes que se passam antes dos acontecimentos da história inicial, tal qual ocorreu com *O Senhor dos Anéis*.

Essa busca dos estúdios por narrativas ricas em qualidade imersiva resultou em uma intensa corrida de Hollywood para as livrarias, na busca por obras que

pudessem reproduzir esse mesmo sucesso – ou pelo menos, uma parte dele. Assim se inicia a ascensão das adaptações literárias para o cinema, focando, sobretudo, no público jovem que, como esses mesmos exemplos provaram, possuem a capacidade de serem consumidores altamente fiéis e interativos; os colocando como protagonistas da chamada economia afetiva (JENKINS, 2008). Para entender de melhor forma, recortemos os anos entre 2010 e 2015; é um momento em que a cultura do fã e o culto a essas histórias moldam a juventude da época e a internet, de certa forma, participa de tudo isso como a plataforma principal para as interações e mediações acontecerem. Parte do sucesso dessas narrativas é totalmente creditado a possibilidade social das redes de aproximar os usuários com gostos semelhantes e a capacidade de produzir conteúdo relacionado a essas obras, num movimento quase que tribal (JENKINS, 2015).

O sucesso nos cinemas se reproduzia no mercado editorial e todos queriam ler as obras que originavam as adaptações – para adentrar mais ainda naquele universo, ou para, simplesmente, viver a história pela perspectiva literária. Os livros, portanto, protagonizaram sua própria versão da cultura da participação, em que os jovens leitores se encontravam na web através das redes sociais, ao passo que consumiam - e também criavam - conteúdos derivados de seus livros favoritos. Discutia-se em fóruns, postava-se conteúdos no *Tumblr* e no *Facebook*, e, às vezes, até mesmo trocava-se mensagens com os próprios autores dos livros, pelo *Twitter*. A literatura ganha um espaço inédito na internet que reproduz de forma virtual o que os clubes de livros fizeram nas décadas passadas. É um momento muito específico da geração *millennial*, em que ler se torna uma prática descolada, legal e, para alguns, até mesmo um estilo de vida.

Entre esses cinco anos podemos listar entre as estrelas desse fenômeno as adaptações dos livros de *Crepúsculo* (Stephanie Meyer), *Jogos Vorazes* (Suzanne Collins), *Divergente* (Veronica Roth), *Percy Jackson* (Rick Riordan), *Maze Runner* (James Dashner), *Os Instrumentos Mortais* (Cassandra Clare), *A Culpa é das Estrelas* (John Green), *As Vantagens de ser invisível* (Stephen Chbosky) e outras dezenas de exemplos. Foram anos em que a união entre Hollywood e o mercado editorial rendeu seus mais admiráveis frutos e que acompanhar essas histórias era para os jovens da época uma atividade muito além de apenas ler os livros ou assistir os filmes. O estilo de vida “fã de livros” é um dos momentos mais emblemáticos da convergência de

mídias e que, com certeza, criou uma geração inteira de leitores-consumidores ao redor do mundo. Uma imagem muito comum de se encontrar nas redes sociais da época era uma arte (Figura 1) que reunia os símbolos das principais obras literárias adaptadas para o cinema: Harry Potter, Jogos Vorazes, Percy Jackson, Os Instrumentos Mortais e Divergente.



Figura 1: Conhecida arte feita por fãs que unia referências gráficas das principais sagas literárias adaptadas para o cinema na época: Harry Potter, Jogos Vorazes, Percy Jackson, Os Instrumentos Mortais e Divergente. (Fonte: <https://unboundfandoms.tumblr.com>)

Dessa forma, os meios de comunicação mais uma vez tiveram um ponto de encontro com a literatura rendendo consequências de sucesso. Se no passado os jornais popularizaram a literatura através dos folhetins (PENA, 2018), nesse momento o que populariza a literatura, principalmente do gênero YA (sigla de *Young Adults*, o termo designado aos livros dedicados a jovens-adultos), é a convergência de mídias entre cinema, televisão e internet. Todos os ingredientes para a receita do BookTube estão prontos para serem utilizados: temos a internet como um meio de comunicação cada vez mais acessível e presente na vida de todos, sobretudo os mais jovens; temos a cultura da participação em que a mídia, pela primeira vez, tem a possibilidade de simetria entre a relação de consumo e produção; e temos a literatura popular, em sua maior parte a do subgênero YA, protagonizando toda uma tendência cultural-midiática. A união de tudo isso era simplesmente natural.

4. SERIA O BOOKTUBE UM TIPO DE JORNALISMO LITERÁRIO?

O surgimento do BookTube é a culminação de todos os fatores apontados nos capítulos dessa pesquisa. Ele só foi capaz de ser realizado graças as etapas descritas anteriormente e pertence a um momento da internet e da cultura pop, que, em geral, é muito único e específico. Isso porque é possível afirmar que a cultura do BookTube está, de certa forma, já apresentando desgastes. Os altos números de visualizações de canais, como os da catarinense *Pam Gonçalves* e do paranaense *Vitor Almeida*, não são mais o padrão do formato. É fácil se dar conta disso conforme os canais mais tradicionais vão se reformulando ou simplesmente desaparecendo.

Como dito no início desse artigo, o objetivo dessa pesquisa não é explicar em detalhes o que é o BookTube, mas sim analisá-lo sob uma ótica jornalística, sobretudo, pensando no que ele representa como um ponto de encontro entre literatura e jornalismo, e como um exemplo da Cultura da Convergência (JENKINS, 2008). De forma bem resumida, porém, é possível descrever o BookTube como um tipo de conteúdo online, em vídeo, feito por amantes da literatura que buscam falar sobre livros, hábitos de leitura e escrita, e adaptações para o cinema e para a televisão em vídeos postados na plataforma YouTube (SILVA, 2016). Esse conteúdo se difere da prática do vlogging tradicional por, na maioria dos casos, não focar na vida pessoal do responsável pelo conteúdo (o chamado de BookTuber), e sim no objeto livro em questão.

Os vídeos são frequentes (alguns canais postam até três por semana) e podem ser gravados sob o molde de quadros e formatos já estruturados pela comunidade do BookTube - como a lista de livros do mês e o tour pela estante (COSTA; TEIXEIRA, 2016). Pam Gonçalves é um dos principais nomes do universo do BookTube, e representa um bom exemplo de sucesso. Em seu canal (que leva seu nome, Figura 2), a jovem de 30 anos explica que produz conteúdo literário para a internet há mais de uma década e equilibra sua carreira entre a gravação de vídeos e a publicação de seus livros autorais. Seu canal é conhecido, principalmente, pelas listas de leitura do mês (ou TBR – do inglês, “To be read”) e pelas dicas de escritas. Já o jovem Vitor Almeida, 27, é o responsável pelo canal Geek Freak (Figura 3) e por lá compartilha, para seus mais de 100 mil inscritos, suas leituras semanais através de resenhas e indicações. A categoria de vídeos com mais visualizações em seu canal são os que ele mostra sua estante, quadro conhecido no BookTube como “Bookshelf Tour”.



Figura 2: Thumbnail do vídeo "LIVROS QUE VOU LER EM AGOSTO! | Um pouquinho mais modesta...", do canal Pam Gonçalves. (Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=BjHg_Cci-fY)



Figura 3: Thumbnail do vídeo "BOOKSHELF TOUR 2019 | Tour pela estante | Geek Freak" do canal Geek Freak. (Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=SvAzHcTQclg>)

Os usuários que consomem esse conteúdo utilizam tanto do espaço disponibilizado nos comentários de cada vídeo, quanto das próprias redes sociais para interagir com outros leitores, dando sua opinião sobre a obra discutida e compartilhando as suas leituras e hábitos. Pensando na relação entre jornalismo e literatura citada ao longo desse artigo, é possível perceber, portanto, que as duas áreas parecem convergir cada vez mais para o seio unificador da comunicação.

A cultura da participação, a partir do advento da internet, trouxe de volta para a nossa realidade o trabalho em conjunto, em que o coletivo de vozes se sobressai ao som de uma única voz solitária. O BookTube possibilitou diversos livros que não tiveram publicidade alguma nos meios tradicionais a entrarem rapidamente na lista dos mais vendidos. Até as editoras mais tradicionais perceberam o poder e potencial da plataforma e atualmente elas mesmas passaram a enviar livros para os BookTubers resenharem.

Quando o ato de ler um livro, tido por tantos anos como uma atividade solitária, reclusa e introspectiva, ganha a oportunidade de se transformar em um tipo de objeto de discussão de um grupo específico em uma plataforma social, os conceitos da

cultura da participação e da convergência de mídias têm a sua eficácia comprovada. Não apenas falando da enorme importância didática que um aumento de leitura pode provocar na vida dos jovens, mas pensando, principalmente, no formato que essa interação digital se apresenta.

O experimentalismo dos jovens que gravam vídeos para o YouTube para falar sobre literatura remetem, especialmente, ao momento da história da relação entre jornalismo e literatura quando, no século XVIII, os escritores faziam jornalismo resenhando e criticando obras literárias sem saber muito bem qual era o formato exato daquilo. Eram publicações chamadas de periódicos porque tinham uma periodicidade; da mesma forma que hoje os vídeos são liberados uma ou duas vezes por semana. Se naquela época, a intenção por trás era um teor político, revolucionário e que colocasse no papel as conversas dos clubes acadêmicos, o BookTuber faz isso por amor, por diversão, mas, sem dúvidas, para encontrar também seus semelhantes e ver na web aquilo que não vê nas mídias tradicionais.

A prisão conceitual que restringiu a presença da literatura nos meios tradicionais a sempre abordar a conhecida como “alta literatura” (os clássicos, os cânones, os “livros do vestibular”) afastou os jovens e adolescentes do hábito da leitura e a colocou em um rótulo limitador, onde se parecia que o livro simplesmente não teria lugar na revolução digital. O cinema ao voltar seus olhos para os livros mais bem vendidos do mercado editorial trouxe para o público *mainstream* (sobretudo a faixa etária compreendida entre o fim da infância e o início da adolescência) a magia da leitura, e plantou a semente da convergência de mídia entre os dois mundos. Mas, felizmente, o processo não parou aí. No momento que surge o BookTube é como se todo o cenário vivo da crítica cultural do século XIX e até metade do XX retornasse em uma forma amadora e que se apresentasse de uma maneira muito mais pessoal, afetiva e próxima daquele mesmo que consome o produto resenhado.

No lugar da linguagem acadêmica e refinada dos críticos, entra a informalidade aprendida com os programas de televisão; o estilo próximo com o espectador imita o que o rádio fez e faz até hoje; e os enquadramentos e cortes rápidos da câmera buscam inspiração no que a publicidade produz de melhor. O BookTube, assim como muitas produções nascidas no meio digital (sejam os *blogs*, as *fanfictions*, os *fanvideos* ou as *fanarts*), representa um apogeu das infinitas capacidades que

aparecem quando as mídias se tornam acessíveis ao grande público e passíveis de convergência entre os meios e as linguagens.

Entretanto, não é difícil entender que, entre as principais influências dos meios de comunicação que o BookTube tem, o molde jornalístico de resenhar e criticar uma obra literária prevalece - mesmo que altamente modificado e adaptado. O papel do jornalista é impresso nos BookTubers, mesmo que involuntariamente e com um teor amador, quando esses jovens são postos em um cenário onde para comentar sobre uma obra obedecem aos paradigmas da profissão e passam pelas mesmas etapas que um crítico de um jornal tradicional passaria - e lhe é cobrado frequência, ética, requisitos, linguagem etc.

Muda o formato e a linguagem, permanece a estrutura. Entretanto, é possível perceber que a profissionalização da atividade jornalística se deu por um motivo, e esse motivo prevalece até hoje. Se todos falam ao mesmo tempo, ninguém se escuta, e por isso determinadas vozes devem ser postas em prioridades. Mas isso, definitivamente, não exclui as outras vozes. E, por isso, é aceitável afirmar que o BookTube é um exemplo prático da convergência de mídia constante, em que o histórico entre a literatura e o jornalismo se constrói. É um formato atual para os tempos atuais da prática secular de falar sobre livros para, no fundo, falar sobre a própria realidade. É, assim, o jornalismo literário ganhando novas caras e novas formas ao falar do mesmo assunto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O BookTube, em uma primeira interpretação, pode representar aquilo que autores como Ciro Marcondes Filho (2000) apontam como fragilidades para o momento. O Quarto Jornalismo é, sem dúvidas, marcado pela revolução digital, mas mais do que isso, é caracterizado pela inserção do consumidor na mídia e isso traz inúmeras mudanças na relação entre produção e consumo de informações. A questão que assombra a profissão é justamente o papel do profissional com a predominância da mídia amadora. O próprio formato do BookTube, porém, já pode nos dar indício de resposta para essa pergunta. Não convém a essa pesquisa adentrar ao mérito se essas produções que bebem dos moldes jornalísticos devem ou não serem consideradas jornalismo. Deixaremos essas questões futuras pesquisas.

Fato é que o jornalista profissional caminha cada vez mais para o papel de comunicador mediador; um guia obrigatório no meio de um caótico oceano de informações. Junto a ele, o papel do crítico tradicional não deve desaparecer tão cedo, por mais que a crítica amadora esteja enormemente presente, ela ainda é o que a própria etimologia da palavra entrega: feita por amor. Sendo assim, de modo parecido como o rádio não desapareceu quando a televisão surgiu, as mídias não caminham para a exclusão de uma e a prevalência totalitária de outra, mas sim, para um momento em que elas se convirjam e criem formatos novos. Esse movimento é o que liderará o caminho para o futuro da profissão, o qual ainda não possui respostas definitivas ou soluções permanentes. Estamos em um momento de transição, novos formatos podem surgir dessa convergência e provarem forças para ficar ou simplesmente serem dissolvidos pela maré das atualizações.

A história da relação entre literatura e jornalismo é pautada majoritariamente por esses fenômenos de convergência. O jornalismo tem parte no processo como o principal representante dos meios de comunicação em si. A integração de uma nova mídia a um objeto tão simples como o livro é um dos principais ingredientes que mantêm a literatura sempre fresca – o surgimento dos *e-books*, dos *audiobooks* e até mesmo das *fanfictions* são bons exemplos. As possibilidades infinitas que cada novo meio que chega traz para o mundo literário é o que contribuirá com que o livro sobreviva eternamente em sua sucessiva inserção na comunicação.

A adesão do jovem à literatura por meio do YouTube só foi possível graças às adaptações fílmicas que o cinema trouxe no início da década de 2010. Por mais que o BookTube já apresente várias transformações que o afaste do formato que teve na sua época de ouro, quando a literatura estava em alta na cultura pop, novas formas de se falar de livros nascem organicamente de tempos em tempos; como hoje temos os perfis literários no *Instagram* e no *TikTok*. A literatura sobreviverá da mesma maneira que o jornalismo sobreviverá: se adaptando. São dois mundos distintos, ainda assim extremamente parecidos, que são calçados e originados na convergência entre si. Dois mundos que quando se encontram fazem a verdadeira magia acontecer.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. In: PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). *Storia della civiltà letteraria nel Brasile*. Alessandria: Einaudi, 1997.

BALLERINI, Frantjesco. *Jornalismo no século 21: Literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática*. São Paulo: Summus, 2015.

COSTA, Andressa Abraão; TEIXEIRA, Claudia Souza. Movimento BookTubers: práticas emergentes de mediação de leitura. *Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 13-31, jul.-dez. 2016.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

FILHO, Ciro Marcondes. *Comunicação e jornalismo: A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

PENA, Felipe. *1000 Perguntas: Jornalismo*. Rio de Janeiro: Rio, 2005.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

RIGO, Bortoluzzi Larissa. *Jornalismo Cultural: dos suplementos literários do século XIX ao webreview do século XXI*. 2019. 250f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Escola de Comunicação, Arte e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: Criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, Renata Prado Alves. *BookTube: Livros e Leitura em Vlogs no YouTube*. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. Atas... Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016.

STRELOW, Aline. Jornalismo literário e cultural: Perspectiva histórica. *Contracampo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UFF*, Rio de Janeiro, n. 18, p. 113-134, jan.-jun. 2008.